

Uma visibilidade particular – *Avalovara*, Alice e a representação simbólica

Profa. Ms. Maria Aracy Bonfimⁱ (UFMA)

Resumo:

Análise comparativa das obras Avalovara, de Osman Lins e Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá, de Lewis Carroll a partir dos símbolos como indícios imprescindíveis para a criação e arquitetura peculiar das narrativas que, por sua vez, apresentam na representação simbólica cenários e épocas distintas [portanto, ideologias] ainda que tais símbolos sejam tomados em acepções díspares nas obras. Não se trata de especular possíveis influências das obras inglesas na brasileira necessariamente, mas “atravessá-las” e chegar assim à escolha dos autores pelo uso de símbolos, comuns às três, como mote para aprofundar a análise do engendro literário, em busca de reflexos contundentes oriundos dessa travessia – a criação, o reflexo social de suas épocas e países, a palavra e as impressões.

Palavras-chave: Literatura comparada, *Avalovara*, Alice, representação simbólica

1 Introdução

Avalovara é considerado um dos mais engenhosos romances da literatura brasileira, oferece muitos caminhos de acesso a si, como afirma Sandra Nitrini (2010, p. 153): “(...) permitindo ao leitor adentrá-la de diversas maneiras, mas que, no fundo, é rigorosamente arquitetada por um construtor onipresente, em perfeita consonância com a concepção de que a narrativa é uma cosmogonia”.

O contato com esse romance produz uma intensa torrente de imagens que aparecem e desaparecem na medida que a geometria do texto se dá. Se dá ao leitor, à própria narrativa, à trama, às sensações viscerais de personagens e assim, espalha uma poderosa rede de conexões com todo o mundo à sua volta.

Essa rede de conexões me levou enquanto leitora e pesquisadora de *Avalovara* a outra obra, outro autor, outra época e até mesmo a outro idioma, não ingenuamente ou ocasionalmente, posto que em meu trabalho diário lido principalmente com as literaturas de língua inglesa. Assim, surgiu a temática mais geral a ser aprofundada neste Curso: o estudo comparativo de *Avalovara*, de Osman Lins em contraposição às duas obras do inglês Lewis Carroll (pseudônimo de Charles L. Dodgson), *Aventuras de Alice no país das maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá* – textos que, por sua vez, também oferecem tantos caminhos de abordagem, que não deixaram um século e meio de história e milhares de estudos – os mais variados – cessarem mais uma nuance, mais uma possibilidade de análise, de contato e de enriquecimento crítico. Em torno dessa ideia, em *Campos do imaginário*, Gilbert Durand (1996, p. 81) afirma:

A obra de arte, o sistema filosófico, o sistema religioso – e acrescentemos-lhes o sistema das instituições sociais – constituem paradigmas de alta frequência simbólica. Tal significa que as figuras que eles veiculam e de que são tecidos, podem ser, inesgotavelmente, “retomadas” – como diria Ricoeur –, “interpretadas”, traduzidas (e mesmo por vezes traídas) sem que o sentido se esgote.

A proposta é manter a pesquisa no traço que une as três obras, mais especificamente: *Avalovara* contraposta às “*Alices*”, a partir dos símbolos, minuciosamente estudados – para além da busca da influência explícita das mais antigas na posteriormente escrita e publicada. A pesquisa deve manter-se na via do simbólico, pela lógica simbólica entre a matemática e a linguagem. Tal

ideia pode ser fundamentada na afirmação de Brunel (1995, p. 57) na obra *Que é Literatura Comparada?*: “Com efeito, notam-se em literaturas diferentes florescimentos análogos que não se explicam inteiramente pelo jogo das influências”.

Através do desvendamento de traços, símbolos, pretendo perceber as diferenças e com isso reconhecer elementos fundantes do território literário dos autores, em suas searas criativas e ideológicas, que obviamente conectam-se com todo o entorno – os seus tempos e os seus espaços.

2 Símbolos e Possibilidades

Nas obras de Carroll, assim como na de Osman, a escrita configura-se como mediadora – é a palavra e seu tempo – “a voz que fala” e conecta espaços e períodos, não simplesmente pela temática que apresenta ou resguarda, mas principalmente pela linguagem que se firma enquanto discurso literário.

Para o gênero romanesco, não é a imagem do homem em si que é característica, mas justamente a *imagem de sua linguagem*. Mas para que esta linguagem se torne precisamente uma imagem de arte literária, deve se tornar discurso das bocas que falam, unir-se à imagem do sujeito que fala (BAKHTIN, 2002, p. 138).

A mediação vem na esteira do símbolo, elemento de peculiar importância no solo literário que, se por um lado tem a capacidade de significar e cifrar, é também ele que concede as pistas de como decifrar.

O ato da escrita supõe escolhas – das mínimas às de grande porte, e por cada uma delas, os relâmpagos imaginativos do escritor delineiam, engendram a invenção e possibilitam a armação de um mundo, que ainda assim não está pronto.

Diante da página em branco – todas as possibilidades; diante da página impressa – a necessária inquietação de concluir em escalas imaginativas aquele mundo que vai se mostrando. O mundo ali ordenado condensa uma espécie de completude. Nesse sentido, o escritor pernambucano Osman Lins (1979, p. 203) afirma: “O homem diante de uma página em branco é o homem mais livre do mundo.”

Avalovara modula a leitura de uma forma peculiar. Leva o leitor a ter vislumbres imagéticos vibrantes e que podem causar uma estranha sensação que podia ser já conhecido, sendo absolutamente novo – e inovador. Talvez a convivência dos símbolos com a trama e os elementos criados por Osman sejam em parte a causa disso.

Avalovara é um romance que propõe e estimula uma leitura criativa. Nele, o leitor pode desfrutar o prazer da descoberta ao se deixar surpreender pelo novo. Essa novidade abrange, simultaneamente, a matéria e a estrutura do livro. Isso quer dizer que aciona realidades estranhas à nossa rotina cotidiana numa forma narrativa que também é pouco usual (CARONE, 2005, p. 225).


Nesse caso, a perspectiva é sondar encontros em meio a tantos desencontros: dois autores, duas línguas, dois países, duas épocas tão diferentes, mas, ainda assim, os elos simbólicos entre eles pela via de suas criações, pela via da palavra criadora e criativa no âmbito literário.

Lewis Carroll publicou em 1865 *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, três anos após o passeio de barco com as irmãs Liddell (sendo Alice a irmã do meio, na época com 10 anos), quando a pedido das meninas improvisou uma história fantástica, cuja protagonista era homônima da citada Alice Liddell e que também foi quem pediu ao Sr. Dodgson, findo o passeio, que escrevesse a história para ela – o que veio a ser a primeira versão do clássico, *Alice's Adventures Under Ground* (1862), manuscrito e com ilustrações do autor.

Ora, apesar de termos aqui, ao inverso de *Avalovara*, um livro devotado desde sua gênese ao público infantil, este estudo não ficará detido nas acepções do gênero [literatura infantil], mas antes,

deter-se-á no texto, nos seus símbolos, na história contada – nos dados acerca da escrita desses homens – e em seu encontro no mundo das palavras.

A lógica da criação osmaniana mantém-se coerente com o plano do autor, e também isso se dá com Lewis Carroll, apesar de demandas distintas. Segundo afirmações de ambos, e o texto confirma, são a matemática, a lógica e a geometria bases para as tramas, mesmo no caso de Carroll, que afirma ter surgido a primeira *Alice*, assumidamente de improviso. Cabe aqui reforçar o criticismo e o embasamento, com um grau coerente de abertura para que eu possa lidar adequadamente com mobilidade nas categorias espaço-tempo. Confirma Brunel (1995, p. 144): “Restam ainda ao comparatista outros deveres: unir línguas modernas entre si, e depois os Modernos com os Antigos; manter-se informado sobre filosofia, belas-artes, história e política; e dotar-se de mobilidade no tempo e no espaço”.

No rastro dos indicativos de duplicidade, transformação e muito peculiarmente a entrada num mundo dentro de outro mundo, os dois autores tomam, por exemplo, o espelho como meio de transporte – a saber, um dos símbolos elegidos por mim nesta análise para compreensão do trespassar para outro mundo. A personagem , “sem nome”, de *Avalovara* – feita de palavras – é como que a mensageira que transita entre os dois mundos – “palíndroma” de si, tal qual o Quadrado Mágico – inspirador e terreno em que Osman cria seu romance.

Olho-me duplamente, a noção que eu tenho da minha individualidade é una, sinto-me uma, mas ao mesmo tempo eu me sinto uma em cada uma que sou e nas duas simultaneamente. De modo que em nenhuma hipótese poderia dizer: “Ela me olha”. Ou: “Respondo-lhe”. É como se eu tivesse no espelho, mas sem saber em qual dos lados está o meu reflexo. Com as agravantes de que estes reflexos não são idênticos; nem agem como reflexos; e nenhuma lâmina os separa (LINS, 2005, p. 160).

O símbolo do espelho está na segunda obra de Carroll – *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá* (1871), como portal que se abre na narrativa para o fluir do sonho e dos percursos da menina no mundo do outro lado. Os vislumbres de si, o truque mágico – em que as coisas aparecem e são as mesmas, e a um só tempo não são.

Em seguida começou a olhar em volta e notou que o que podia ser visto da sala anterior era bastante banal e desinteressante, mas todo o resto era tão diferente quanto possível. Por exemplo, os quadros na parede perto da lareira pareciam todos vivos, e o próprio relógio sobre o console (você sabe que só pode ver o fundo dele no espelho) tinha o rosto de um velhinho, e sorria para ela (CARROLL, 2002, p. 139).

Ainda sondando este curioso símbolo e tão peculiar, percebo que o lastro da abordagem simbólica pode ser bem mais vasto do que poderia supor. Como afirmado anteriormente, dos detalhes menores (ou mais cifrados) aos maiores (ou mais evidentes) há um caminho e em seus meandros, as possíveis manifestações, revelações da palavra de cada um destes escritores e suas invenções.

O mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos (...) em última análise, *o Mundo se revela enquanto linguagem*. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos (ELIADE, 2007, p. 125) (grifo do autor).

Estudar *Avalovara* através dos símbolos, tal como o espelho, concerne nessa busca que, na literatura, não se resguarda do espanto diante do maravilhoso mundo da palavra – tendo os estudos simbólicos como rumo. Tomo o que diz Abel, personagem desse surpreendente livro: “As representações são sempre enigmáticas, alusivas, fracionárias e quase nunca contempladas na sua

totalidade” (LINS, 2002, p. 330). E complemento com a alusão de Osman em *Marinheiro de primeira viagem* – relato de viagem pela Europa, (1980, p. 105), no trecho que menciona a chegada a Londres, cujo fragmento intitula-se *No Reino do Espelho*: “Quem cruza a Mancha entra a viver, como Alice, do outro lado de um espelho: todas as esquerdas passam a ser direitas e vice-versa” (LINS, 1980, p. 105). E ainda, com Chevalier (2008, p. 396):

O espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla.

No ensaio escrito em 1973 e publicado em 1976 por Mary L. Daniel, há já uma alusão cruzada, ainda que em seu título, de *Avalovara* e *Através do espelho*: “*Through the Looking Glass: Mirror Play in Two Works of João Guimarães Rosa and Osman Lins*” e onde a autora pinça trechos no romance de Osman em que o espelho aparece e aponta para a ambivalência que lhe é peculiar – igualmente peculiar no romance, referindo-se, inclusive ao Quadrado Mágico (SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS) – de escrita espelhada.

As the foregoing introduction to the general character of *Avalovara* may have already led the reader to surmise, mirrors play an essentially reduplicative and multiplicative role in this reflected equivalence, which is in turn enhanced by the elaboration of the double adage in the form of a perfect square which allows it to be read equally in four directions (DANIEL, 1976, p. 28).¹

O estudo é justificado, sobretudo, pela possibilidade de alargamento de visão que um estudo comparativo de natureza simbólica pode propiciar, principalmente em se tratando de uma investigação de natureza intertextual – e não se pautando em influências, mas digamos, nas confluências: autores – palavras – obras – mundos – invenções/criações, sendo o símbolo um dos elementos mais importantes de transporte do elemento criado: “Num Mundo como esse, o homem não se sente enclausurado em seu próprio modo de existir. Também ele é ‘aberto’. Ele se comunica com o Mundo porque utiliza a mesma linguagem: o símbolo” (ELIADE, 2007, p. 126).

Cito ainda alusão à Alice, feita por Osman Lins em sua tese², sobre o espaço ficcional nas obras de Carroll, reconhecendo um imbricado movimento de “contaminação” do espaço na personagem.

Espaço imaginário, igualmente importante e insólito, mas de natureza bem diversa o de Lewis Carroll. As aventuras de Alice efetuam-se em *países*, do espelho ou das Maravilhas: aí há animais que falam, cartas de baralho adquirem existência humana, reinam aparecimentos e desaparecimentos, instauram-se transformações (súbitas metamorfoses) como lei constante do mundo e que, inclusive, não poupa a personagem, como se a contaminasse o espaço (...) (LINS, 1976, p. 66)

Conclusão

Segundo Uchôa (1980, p. 11) na Introdução da edição por ele traduzida das *Alices*, “entrar na toca/atravessar o espelho, por exemplo, são tópicos que preenchem funções idênticas: a função de rito de passagem entre dois universos, o real e o não-real”.

É nos percursos dos personagens que está o mote instaurador de sentidos nas narrativas. Tais

¹ Como introdução ao que precede o caráter geral de *Avalovara*, o leitor é levado a supor que os espelhos desempenham um papel essencialmente reduplicativo e multiplicativo na equivalência refletida, que é por sua vez desenhada pela elaboração do adágio duplo sob a forma do quadrado perfeito, que pode ser lido igualmente nas quatro direções (tradução livre).

² Escrita no mesmo período da feitura de *Avalovara* e publicada pela Ática, na coleção Ensaio em 1976.

percursos não necessariamente são movimentos de seus corpos nos espaços – e os espaços plasmam-se com personagens, confundem-se, contaminam-se.

Cada transformação à sua maneira nas três obras [ainda] superficialmente analisadas em contraste pode, entretanto, configurar o estudo da representação simbólica revestida de fantasia como acesso – e a literatura cria esses acessos, sobretudo nos incita a sondá-los. “Ter acesso ao outro lado seria, portanto, transformar a nossa maneira de ter acesso” (BLANCHOT, 2011, p. 143).

Por fim, reitero que esta proposta de trabalho é movida pela importância em dar continuidade e aprofundamento à pesquisa já em andamento, como mencionado anteriormente, junto ao Grupo de Pesquisa “Estudos Osmanianos: arquivo, obra, campo literário”, vinculado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL), da Universidade de Brasília.

O estudo é justificado, sobretudo, pela possibilidade de alargamento de visão que um estudo comparativo de natureza simbólica pode propiciar, principalmente em se tratando de uma investigação de natureza intertextual – e não se pautando em influências, mas digamos, nas confluências: autores – palavras – obras – mundos – invenções/criações, sendo o símbolo um dos elementos mais importantes de transporte do elemento criado: “Num Mundo como esse, o homem não se sente enclausurado em seu próprio modo de existir. Também ele é ‘aberto’. Ele se comunica com o Mundo porque utiliza a mesma linguagem: o símbolo” (ELIADE, 2007, p. 126).

Tal reflexão me leva a antever ainda que este aprofundamento possa trazer em si a possibilidade de contato com o aporte teórico, crítico e histórico nas duas realidades, nas duas nações, nas duas línguas. Esse ir e vir nos “discursos-mundos”, peculiar aos estudos literários, pode legar à crítica, em especial de literatura comparada, maior autonomia, pois segue conhecendo e reconhecendo novos territórios – inventados na escrita, representados pela palavra.

Este texto é parte de minha busca por continuar trazendo à experiência acadêmica contribuições de ordem crítica, conceitual, hermenêutica, e muito especialmente a partir da enriquecedora troca de subsídios intelectuais, através dos textos, dos países de origem das obras, dos idiomas e ainda, no outro plano, das instituições federais superiores de ensino do Brasil envolvidas: a Universidade de Brasília onde concluí mestrado em Literatura Brasileira e a Universidade Federal do Maranhão, onde leciono Literaturas de língua inglesa. Finalizo citando Tânia Carvalhal (1996, p. 55-56) acerca desse aspecto intercambiário através do qual desenvolvo o tema ora apresentado:

Um professor de literatura estrangeira no Brasil, por mais especializado que seja em períodos, tendências, gêneros ou autores estrangeiros (Shakespeare ou o drama burguês francês, por exemplo) sabe que, em lugar de restringir-se apenas àquela literatura estrangeira, poderá contribuir decisivamente para o conhecimento que desenvolve se tomar uma perspectiva que lhe é particular e que só um pesquisador com a dupla formação que possui (em literatura brasileira e estrangeira) pode assumir. (...) significa também observá-los com **uma visibilidade particular** e colaborar para um entendimento mais eficaz da literatura/cultura que os acolhe. (...) Estudos comparativos dessa ordem, que levam em conta a produção/recepção das obras, respondem a uma necessidade contextual, a urgências específicas de cada espaço determinado. A estratégia que define “o lugar de onde se fala” é tão significativa que se converteu em objeto de reflexão para muitos estudiosos e, poder-se-ia mesmo dizer, em uma espécie de categoria crítica. (**grifo meu**)

Referências Bibliográficas

- 1] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- 2] BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

- 3] BRUNEL, Pierre. PICHOS, CL. ROSSEAU, A.M. *Que é Literatura Comparada?* 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- 4] CARONE, Modesto. *Avalovara*: precisão e fantasia. In.: ALMEIDA, Hugo. *O sopro na argila*. São Paulo: 2004. p. 225-231.
- 5] CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas/ Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*: edição comentada. Ilustrações originais, John Tenniel; introdução e notas, Martin Gardner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- 6] CARVALHAL, Tania Franco. “Literatura Comparada e literaturas estrangeiras no Brasil”. In Revista Brasileira de Literatura Comparada Vol. 3, São Paulo: abralic, 1996.
- 7] CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 22. ed. Rio de Janeiro: 2008
- 8] DANIEL, Mary L. “*Through the Looking Glass*: Mirror Play in Two Works of João Guimarães Rosa and Osman Lins”. In Luso-Brazilian Review, Vol. 13, n ° 1 (Summer, 1976). Wisconsin: University of Wisconsin Press. pp. 19-34
- 9] DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- 10] ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- 11] LINS, Osman. *Avalovara*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 12] _____. *Marinheiro de primeira viagem*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1980.
- 13] _____. “O Homem mais Livre que Existe”. In.: LINS, Osman. *Evangelho na taba*: novos problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979. p. 201-203.
- 14] _____. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976. (Ensaio, 20)
- 15] NITRINI, Sandra. “O intertexto canônico em *Avalovara*” In Estudos Avançados, 24 (69), 2010. Online. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a09.pdf> Acesso em setembro 2010.
- 16] UCHOA, Sebastião. Prefácio In *Aventuras de Alice - No país das maravilhas, Através do espelho e o que Alice encontrou por lá e outros textos*. 7 ed. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus Editorial, 1980.